

Lançamento completa tetralogia

RONALDO ANTONELLI

Eduardo Maffei, o doutor Maffei — ele também é médico, agora, "na reserva" — é um senhor de 70 anos, barbas e cabelos encaicados, lembrando a figura que o cinema americano divulgou como de Freud. Pradista, já esbanja seu bom-humor logo de início: "Que você quer saber?" — vai perguntando. Minha opinião sobre o feminismo? Bem, eu acho o seguinte: o homem é gerado pela união dos sexos. Se nem Deus pode dividir os sexos, por que a mulher iria fazê-lo agora?" E em seguida ri compassado.

Maffei está lançando, a partir das 19 horas de hoje, na livraria Capitu (rua Pinheiros, 339), seu romance "A Morte do Sapateiro" (Brasiliense, 254 págs., Cr\$ 1.400), que completa a tetralogia "Maria da Greve e o Elope" — uma longa crítica da vida paulista, que percorre uma trajetória iniciada em finais do século passado e que termina em 1939. Uma longa pesquisa histórica se ergue por detrás de seu romance, um esforço que agora completa 22 anos de estudos e memórias e de que o leitor poderá fazer uma idéia a partir de um painel que entrará em cena com um dos diversos episódios que constituiram a história do período — no caso de "A Morte do Sapateiro" década de 30 — interferiram diretamente na atuação dos personagens ficcionais só lembrados e expostos pelo autor.

MEMÓRIA DE COMPUTADOR

Um trabalho vintênio de estudos e memórias, disse? Sim, o doutor Maffei se confessa possuidor de "uma memória de computador, que muito me ajudou em minhas pesquisas". Ele lembra que "Platão lamentava a invenção da escrita, porque a história da Grécia antiga era tradicionalmente oral". Da mesma forma, ele se socorre em seu trabalho de lembrança dos acontecimentos sociais dos primeiros 30 anos de século, com quem conviveu pessoalmente.

É desfilando imagens a galeria de suas fontes vivas: Edgard Leuenroth, líder anarquista cujo arquivo de jornais deu origem ao atual arquivo histórico de lutas sociais da União, que tem seu nome; Alfonso Schmidt; Marino Spagnuolo, vidreiro intelectualizado, dramaturgo e criador do clube literário A Palavra Internacional, que ficava no belenizino; Orreste Ristori — todos testemunhas das três primeiras décadas do século. Depois convive com a tradição da esquerda mais recente, de Galeão Coutinho e Astrogildo Pereira.

RECOLHIDO

Perguntado a respeito de sua atuação no Partido Comunista Brasileiro, Eduardo Maffei declara que continua fiel a sua formação marxista — "Elipse" é denúncia do governo, "humanoismo" — e, embora não tenha abandonado oficialmente o PCB, deixou completamente a militância. "Hoje estou recolhido a meus livros — mais de 900 garrafas —, meus amigos, meus livros, minha família e meu único cachorro. E com muita recordação de uma vida bem vivida".

Quanta conjuntura da política atual, afirma que votaria com o candidato que reunisse maiores condições de derrotar o governo, "pode ser Montoro". Mas sua perspectiva é de que as eleições serão anuladas, em caso de vitória das especulações de "Café" ganhar, e a mesma coisa que apoiar as eleições.

ÚNICA FOZ

Falando de "A Morte do Sapateiro", explica que são "seis histórias distintas que desaguam numa única foz, tragadas pelo mesmo redentorismo social, com muitos personagens, como a paulista tradicional surpreendida pela revolução de 30 e que passa a viver entre dois momentos históricos, o de antes e depois da queda do café; Breno, um personagem político que tem algo de autobiográfico; "Elipse" é aquele que descreve as paixões e costumes de sua época — explica —. É um personagem descomprometido com todas as correntes, como o próprio povo brasileiro, e acaba lutando na Guerra Civil espanhola, ao lado dos republicanos.

Sobre sua carreira na medicina, que abandonou em 1976, disse que, como clínico geral, discorda da forma como a ciência é atualmente atomizada entre inúmeras especialidades. Mas a literatura exerce desde sempre, desde o primeiro artigo em dezembro de 1929. E aprendeu a escrever com cartas de amor. "Uma namorada é muito mais importante que o público" — sorri brincalhão.

OPINIÃO DE BERLIZ

A respeito dos críticos, o bem-humorado lituano — "sou o maior produto de Iú" — cita uma opinião do músico Hector Berlioz: "Quando você erra a primeira vez, você percebe que erra. Na segunda vez que erra o maestro percebe. Na terceira, seus companheiros músicos o fazem também. Na quarta, é o público que já percebe. Finalmente, na quinta vez em diante os críticos passarão a percebê-lo". E por isso que costuma escrever seus livros pelo menos cinco vezes.

À pergunta se pretende continuar a escrever, lembra outra opinião, agora do escritor Thomas Mann, manifestada pelo protagonista de "Tonio Kröger", que se quer escrever não é nenhuma bênção mas antes uma maldição. "Mas pretendo continuar a escrever, sim eu asseguro, mas uma vez com bom humor. Para arrastar enfático". — Cartas de amor." E em seguida ricompassado.



Eduardo Maffei, sempre bem-humorado.



O artista, que vive em Londres, toca hoje e dia 16 no Cultura Artística.

Cohen, um pianista que a Europa conhece bem

Trata-se de uma rara, ou melhor, de duas raras oportunidades para assistir a um dos mais premiados pianistas brasileiros, Arnaldo Cohen, que hoje vive em Londres e atua em orquestras como a Royal Philharmonic, a Gewandhaus de Leipzig e a Filarmônica de Hamburgo. Hoje, ele estará se apresentando, a partir das 21 horas, no Cultura Artística, com o integral das "Baladas" e dos "Scherzos" de Chopin e, no dia 16, volta ao palco daquele teatro para interpretar o "Concerto n.º 2", de Rachmaninov.

Definido pelo "Times" como "senhor de uma técnica deslumbrante", Cohen reside há um ano na capital inglesa — "viajava muito para a Europa e, então, resolvi fixar residência lá" — e, entre suas mais notáveis conquistas, está a de ter sido o primeiro pianista sul-americano a ser convidado para uma turnê pela China, após a Revolução Cultural, e o pioneiro dos concertos multirraciais na África do Sul — "só aceitiei o convite sob essa condição". Isso para não falar de uma vitória maior, por unanimidade dos jurados, do primeiro prêmio do Concurso Internacional Busoni, que não era concedido há anos.

Fazendo uma média de cem recitais e concertos por ano, Arnaldo Cohen, que trocou a engenharia pelo piano aos 19 anos, diz que prefere as apresentações ao vivo do que gravar discos. "Participo apenas de uma gravação em 78, na Itália, e nesse disco, que está agora em terceira edição, interpreto baladas e scherzos de Chopin. Foi a única experiência e já está arrendido. Pretendo, inclusive, comprar a gravação para não reeditá-la".

Perfeccionista, Cohen justifica essa atitude afirmando que uma gravação com essa fidelidade há quase quatro anos, não corresponde mais a concepção que tem hoje das obras gravadas. "A gravação é completamente desatualizada". O ideal, para ele, seria uma gravação ao vivo — "não se pode negar a imperfeição, corrigindo-a através de truques de mixagem". Talvez no futuro volte a pisar num estúdio de gravação. Por enquanto, o pianista prefere cumprir o extenso programa traçado por seus empresários europeus, que inclui uma turnê pela União Soviética em setembro, onde apresentará obras de Brahms e Handel, peças longas conforme a preferência de Cohen.

"Gostaria de incluir música erudita brasileira, como faço geralmente em outros concertos, mas no caso da União Soviética será praticamente impossível. É um problema de construção de programa, por que a nossa música é dirigida para o miniaturismo — vide as cirandas de Villa-Lobos, por exemplo — e o gosto de séries, grandes obras, sem que isso signifique pouca grandiosidade na música brasileira." Mas, em seu próximo recital no Concertgebouw, Cohen executará o "Divertimento", de Marius Norre, compositor que admira.

O pianista, aliás, não possui gosto musical cristalizado, como faz questão de esclarecer: "Tanto posso executar as baladas de Chopin como o Concerto n.º 1 de Rachmaninov. Por que não o compositor russo? O público gosta e eu também. Há compositores eruditos contemporâneos que admira, mas, depois de Stravinski, chegamos a um ponto crítico, com toda essa parafarmácia eletrônica. Entraríamos de novo para o futuro a tarefa de julgar os Beethovens de hoje".

Arnaldo Cohen ficará no Brasil apenas para esta curta temporada, devendo regressar à Europa, onde participará do Concurso Internacional Busoni, na Itália. Os ingressos para cada um dos recitais do pianista, ex-aluno de Jacques Klein e Dieter Weber, estão à venda nas bilheteiras da Cultura Artística, a Cr\$ 300 e Cr\$ 150 (estudantes).

Disco/Crítica



O artista lança seu primeiro LP, "Cabelos de Sansão", pelo selo Lira Paulistana.

Baladas e serestas do roqueiro Tiago Araripe

MIGUEL DE ALMEIDA

CARLOS DE SAMSAO — Tiago Araripe. Disco Lira Paulistana. Produção: Wilson Souto Jr. (Gordis). Música: Di Campio, Felipe Avílio, Luiz Brasil, Xico Carlos, Tiago Araripe e outros.

Autor de canções: Tiago Araripe. É o que mais marca em seu primeiro LP, "Cabelos de Sansão", pelo selo Lira Paulistana. Não se pense que é afirmação fácil. Há tempos que a canção — essa coisa singela — perdeu o sentido, passou a funcionar apenas como de lixo. Fazer canção não é assim tão fácil ficou somente nos últimos tempos: todos repetindo o mesmo bafo cantado por Luiz Gonzaga na década de 50. Canção requer estruturas definidas, bem resolvidas, com a harmonia abrindo caminhos, na maioria das vezes sintetizando tendências. Seria mais um trabalho de mestre, não de aprendiz, na divisão de Pound — oha eu aí azulejando — a música popular brasileira. Tiago Araripe trafega pelas canções, num misto de roqueiro com autor de balões. Nenhuma das duas linguagens surgem deturpadas, regionalizadas, mas lançando mão da salada, da miscelânea. As canções se enveredam por ambas diques, incorporando as conquistas e avanços, se tornam criativas pelo confronto, pelo choque. Seria John Lennon cumprimentando Luiz Gonzaga sob os olhos de viciado platéia, Andy Warhol e Jimi Hendrix entre eles.

predominância sobre a musicalidade. Alíás, a musicalidade é enriquecida pela poesia bem estruturada, com sonoridades poéticas distribuídas numa bela união com a melodia.

Fica a dúvida: cantor ou poeta? Talvez as duas. Numa só coisa. É que a canção bem realizada seja canção. Parece ser esse o caminho perseguido por Tiago. Seu trabalho reúne várias tendências, as influências que marcarão uma juventude que hoje beira os trinta anos, de Rollie Simões e Jimi Hendrix, mas o ouvido não podendo se desprezar da vitrola que ignora baladas de Luiz Gonzaga, a voz silabada de Gilbertelli.

As letras de Tiago Araripe betram muitas idéias, lançam mão de técnicas bem resolvidas, os versos recorrendo a diques do universo pop. Exemplo de bom humor: pop: "Estrela do mar", "pousada em alcatraz" com o seu vestido azul/felho mudo zona azul/pastorando disco-voar." Ou mais um pop-rock: "Meg Maria" faz de conta; que apenas ela existia/ou seu kitchêne/ou apenas ao gosto de uma estudante que prometia... Antes de formada estava casada/com uma cara de noivo. O bom-humor é constante. Ao mesmo tempo que chocou, coloca na mesa outro prato — comer ou não? Exemplo: "Tuas pernas gordas/balançam junto às minhas/me alcançam mas ainda/estás distante/com um elefante".

Araripe usa bem a rima por sermões/dados. Difícil é não ler suas canções sem se obter novos sons a cada nova leitura. E sempre são humorados, flashes ingênuos, cantantes. — "Fui pelos seus raios/vim nas ondas do rádio/eu vi quando a chuva se fez/na beira do rio/fazendo estribicho" com os filhos do meu pai. Bem vozado/foi o meu braço/antes facho/pé-de-verão/pererê".

Estranho é como os arranjos, feitos por Tiago e o grupo Sexo dos Anjos, oscilam entre bons achados e meros besteiros. Há filhos infantis, que poderiam ser melhor resolvidos, soando como ingênuos. Neutro ou sério? Exemplo: "Tuas pernas gordas em canções, não reproduzindo apenas as acordes, mas tratando de criar linguagens próprias.

Morre Bernardo Cid, um artista marginalizado

IVO ZANINI

Bernardo Cid, sepultado ontem no cemitério da Consolação, após quase três anos de grande sofrimento (câncer na coluna), pintou até 20 dias atrás. Deixou algumas telas incompletas no ateliê de Pinheiros, em cuja figura humana é constante, pois sempre foi um dos enfoques principais de sua obra. Era natural de São Paulo e desaparece aos 57 anos de idade.

A análise e o aprofundamento psíquico do homem marcaram o trabalho do artista, um dos mais competentes da arte moderna brasileira. Exigente e desligado de seguir correntes/tendências mais visadas, preocupou-se tão-somente em pintar com criatividade. Sua meta era dissecar todos os ângulos possíveis permitidos pela arte.

Durante quase duas décadas — Bernardo Cid pintou durante 33 anos — concentrou-se nos segredos e nos pormenores da anatomia humana, utilizando cores sóbrias, uma cromática de pensamento. Isso, acrescido de pormenores nas formas retratadas, exigia do espectador uma atenção redobrada para ver/entender as visões propostas pelo artista. Na verdade, ele criava um mundo onírico que, se a alguns menos atentos ou receptivos à sua obra causava um certo impacto negativo, até mesmo de repulsa, para os que podiam entender sua arte sempre foi razão de emoção e grande sensibilidade.

De certa forma Bernardo Cid se considerava um pouco marginalizado, tanto pelos teóricos da arte como pelos colecionadores. Sua pintura entrava na faixa do "difícil de compreender" e "de que custou a impor-se". Praticamente somente nos últimos anos é que seu trabalho teve uma aceitação maior. Mas ele jamais transigiu: só fez arte pela arte. Os obstáculos não perturbavam a produção

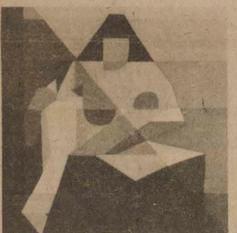


Anatomia humana, le mo sempre presente.

do artista, que fez de seu ateliê o local permanente de criação. Memória pouco, já bastante desgastado pela doença, não abandonou o estúdio. Mais: passou a preparar novas gravuras, sem deixar o cavalete e as tintas. Ainda na última semana deu continuidade a algumas matrizes.

Tomou parte de duas Bienais de São Paulo, de alguns Salões Paulistas de Arte Moderna — em 1968 recebeu o "Prêmio Governador" — e realizou raras mostras individuais. Seu trabalho intimista e perfeccionista exigiu um labor paciente e de mais alta concentração. Isso explica a produção de relativa quantidade, porém suplantada, sem cópias, com a qualidade.

Com Bernardo Cid morre também mais uma parcela dos poucos artistas que viveram/vivem unicamente da arte sem mistificação. Foi um artista digno.



Geometrizmo em trabalho dos anos 50.



Waldemar de Costa e o extático semovente.

Seriedade em obra de mestre

Um grande conhecedor do arte de pintar e um incansável comunicador dos segredos da pintura, esse foi Waldemar da Costa, falecido anteontem aos 78 anos, após longa enfermidade.

Durante quase meio século ele dividiu o tempo entre realizar-se no ateliê e orientar gerações sobre como produzir uma obra artística. Em seus quadros sempre empregou o melhor de seu tino e criatividade. Nas primeiras figuras e paisagens, como depois nas diversificadas experiências levadas a bom termo, Waldemar da Costa teve como linha central a seriedade em tudo o que se propôs realizar. Concentrou seu talento em numerosos trabalhos e os resultados só trouxeram contribuição sadia para a arte brasileira.

A participação do artista, de naturalidade paranaense, em certames nacionais e principalmente internacionais não foi relativamente numerosa mas, na maioria das vezes em que sua obra esteve presente, conseguiu pontos favoráveis. Suas pinturas impunham-se pelo esmero técnico e uma capacidade admirável de conduzir com segurança todas as tentativas que pesquisou e levou avante. Não se pode enquadrar Waldemar da Costa como um "experimentalista" do tipo autodidático; o que ele objetivava alcançar era encarado com a máxima responsabilidade, daí porque seus trabalhos sempre assim foram encarados, tanto pela crítica como pelos colecionadores e admiradores de seu labor.

Além desses aspectos, poucos artistas nacionais buscaram como ele encontrar um ca-

minho que oferecesse à pintura nuances intelectualmente novas. Tanto assim que, na derradeira fase de suas pesquisas, a que denominou de Estático Semovente, Waldemar da Costa converteu pelo construtivismo respaldando-se na aplicação de placas finíssimas de ouro, prata e alumínio. O visual dessas obras atingiu um cheiro um novo ângulo de arte clássica — cada quadro parecia-se uma "comunicação" diversa, abrangendo uma perspectiva que poucos acreditavam ver refletida a breve distância. No entanto, a sensibilidade do artista conseguiu transmitir a magia de sua composição, valendo-se da criatividade e da simplicidade para elaborar as composições de linhas geométricas.

Paralelamente à pintura, Waldemar da Costa transmitiu ensinamentos a muitos interessados. Diversos deles hoje já se impõem, na categoria, como Arcângelo Ianeli, Chorus, Clóvis Garcia, Flaminio, Izar Berlinek, Maria Leontina, Miriam Chiavritti, Raquel Vaz de Arruda e Ulirajras Ribeiro, enquanto outros amadurecem as lições recebidas do mestre. Prova mais do que suficiente para colocar o artista agora falecido num pedestal pelo duplo trabalho prestado à arte, ou seja, como incontestável realizador de belas e renovadoras obras e como o pastor que soube conduzir com segurança os discípulos que o procuraram em busca de orientação.

É não há como deixar de registrar a simplicidade, técnica da vida de Waldemar da Costa: a arte brasileira perde, com seu desaparecimento, um de seus mais dignos representantes. I. Z.

Museu Nacional recebe Segall



'Exodo', foi pintado em 1949.

O óleo "Exodo", de Lasar Segall, datado de 1949, acaba de ser doado ao Museu Nacional de Belas-Artes, localizado no Rio de Janeiro, pelo museu que em São Paulo tem o nome do pintor.

Seus filhos, ao criar o Museu Lasar Segall, estabeleceram uma cláusula de inalienabilidade para a maior parte das obras do pai. As restantes, porém, a seu critério, foram reservadas para doação aos principais museus nacionais.

Para receber a primeira obra doada pelos herdeiros de Segall, o Museu Nacional, do Rio, tinha como condições: ser um dos mais importantes em todo o País e não possuir em seu acervo nenhuma obra do pintor; ter seu trançado há nos últimos anos, deixativo de lado sua característica de muitos anos de ser um repositório de arte acadêmica; por se tratar de um grande museu no maior centro turístico brasileiro; por ter sua atual direção trabalhado no sentido de organizá-lo e ampliar sua função social.